COELHO NETO: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DA MODALIZAÇÃO ENUNCIATIVA DO CONTO "FIRMO, O VAQUEIRO"

Leonildes Pessoa Facundes[1]

Rickeyberg de Carvalho Gonçalves[2]

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as marcas modalizadoras presentes no conto do gênero fantástico "*Firmo, o vaqueiro*", de autoria do escritor maranhense Coelho Neto, por meio de uma abordagem metodológica qualitativa, bem como identificar possíveis marcadores léxico-gramaticais que tradicionalmente não figuram entre as categorias reconhecidas como modalizadoras e repensar o quadro Tópicos de Gramática Enunciativa, sendo válido ressaltar que a intenção não é ampliar esse quadro categorial, mas comprovar a hipótese de que toda noção linguística é uma noção léxico-gramatical, e como tal, pode assumir qualquer papel gramatical, a partir do que se apresenta a gramática tradicional, modelo corrente no ensino gramatical.

A teoria de Antoine Culioli, na qual se fundamenta este trabalho, é central para análise da enunciação. A abordagem de Culioli se destaca por sua visão de linguagem não apenas como um sistema de regras, mas como uma atividade em constante movimento e transformação, ou seja, o foco não se concentra apenas no que é dito, mas nos fatores de lugar de enunciação que circundam o que é enunciado. Dessa forma, suas análises se baseiam na linguagem e não na língua. Como explica Zavaglia (2010), a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli:

> Se situa na continuidade de Émile Benveniste (1902-1976). Outros, inclusive estudiosos da teoria culioliana, percebem afinidades, quando não similitudes, com o pensamento do Gustave Guillaume (1883-1960). A aproximação com Benveniste se realiza pela primazia que Culioli dá à atividade linguageira, postura que consiste em fundamentar as análises na linguagem e não na língua. A perspectiva enunciativa integra os parâmetros da intersubjetividade (o eu/tu, o aqui e o agora) que decorrem da situação de enunciação (Zavaglia, 2010, p.21).

A citação de Zavaglia (2010) corrabora com a ideia de que a situação de enunciação não é um sistema estático, pois, ela só ocorre quando à interação entre o enunciador e o coenunciador, em contexto específico, com uma intenção que pode sofrer alterações de acordo com o momento em que enunciador se posiciona diante da mensagem que ele emite e diante de quem a recebe.

Nesse contexto, o objetivo é realizar uma análise da modalização, fundamentada na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, referencial téorico que "ilustra, de diferentes pontos de vista, a força e a especificidade desta teoria, mais precisamente, o modo único como apreende a linguagem por meio da diversidade das línguas e dos textos" (Vogué, 2011, p. 9). Essa teoria considera a linguagem como uma atividade capaz de promover a construção de representação, a referenciação e a regulação (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). "A linguagem é constitutiva de uma forma de pensamento que não tem as mesmas propriedades que as que correspondem a outros sistemas de representações comunicáveis (desenho, imagem) ou não (imagens mentais). Essa problemática não se inscreve numa relação de linguagem-pensamento: a linguagem constitui uma forma de pensamento" (Vogué, 2011, p. 16).

A análise será aplicada ao conto fantástico "*Firmo, o vaqueiro*", de autoria do escritor maranhense Henrique Maximiano Coelho Neto, popularmente conhecido como Coelho Neto.

A investigação será orientada pelo referencial metalinguístico proposto por Culioli (1990), que se estrutura com base em três ordens de relações voltadas à representação dos processos de linguagem:

i. **Relação primitiva**, de ordem semântica, que visa representar a localização entre as noções semânticas em relação. Essa localização determina e delimita os domínios nocionais, como em <comedor<> comer<> comestível >;

ii. **Relação predicativa**, de ordem sintática, que estabelece a ordem de predicação dos termos em relação. Essa ordenação é geralmente responsável pela tematização dos termos enunciados, como em <homem **grande** (espaço físico ocupado) <> **grande** homem (dotado de virtudes e prestígio social)>;

iii. **Relação enunciativa**, de ordem discursiva, que busca representar os valores enunciativos relativos ao sujeito (marcas de pessoa – quem diz), à modalização (como se diz), bem como ao tempo e ao espaço.

Conceito de Modalização

No contexto da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, a modalização é um elemento central para a análise linguística. A investigação apresentada a seguir explora esse conceito, tendo em vista que "A modalização, na tipologia de Culioli, é uma categoria gramatical que resulta de uma relação entre o enunciador com a relação predicativa ou do enunciador com o seu coenunciador, ou seja, é a atitude do sujeito enunciador frente ao que ele enuncia e frente ao seu coenunciador "(Facundes, 2021, p. 74-75).

A modalização, conforme a classificação de Culioli, diz respeito à maneira como o enunciador (aquele que fala ou escreve) manifesta sua posição em relação ao que está sendo comunicado e ao seu interlocutor. Isso implica que a linguagem não é imparcial, pois ela sempre traz indícios que revelam como o enunciador se posiciona diante do conteúdo e do coenunciador (ouvinte/leitor).

> Já em Culioli, a ponte que liga a palavra ao seu sentido (note-se que Culioli não fala de referente, pelo fato de esse conceito acarretar um processo de referenciação mecânico e bi-unívoco) é o conceito de noção, ou, ainda, o domínio nocional: a ocorrência de uma palavra ativa um conjunto virtual de propriedades que, ao longo do tempo, acabam se estabilizando até chegarem a se tornar propriedades típicas (Zavaglia, 2010, p. 23).

Essa categoria gramatical abrange diversas estratégias linguísticas que expõem a subjetividade do enunciador, como o uso de verbos modais (poder, dever, querer) advérbios (provavelmente, certamente, talvez) e diferentes tempos verbais. Tais escolhas gramaticais indicam se o enunciador expressa dúvidas, certezas, possibilidades, obrigações ou até mesmo uma perspectiva emocional sobre o que está sendo dito.

Assim, a modalização representa a maneira como a linguagem é empregada para construir significados que vão além do conteúdo objetivo, incluindo também aspectos subjetivos e interacionais.

Segundo Culioli (1990), a linguagem é um sistema dinâmico onde as operações enunciativas desempenham um papel crucial na formação de sentidos. Ele distingue tipos de enunciados e como cada um deles pode influenciar a interpretação do ouvinte.

A TOPE distingue diferentes formas de modalização com base nas operações enunciativas que estruturam o discurso, conforme Facundes (2021):

-Modalidade 1

a) ***Asserção*** (afirmativa/negativa): expressa afirmação, declaração ou negação descrevendo a realidade de forma objetiva. O sujeito enunciador dispõe de dois valores, verdadeiro/falso para fazer opção por um ou outro.

b) ***Interrogação***: o sujeito enunciador dá ao seu coenunciador a opção de escolher um valor positivo ou negativo.

c) ***Injunção:*** (súplica, pedido, sugestão, algo que possa vir ser verdadeiro ou falso): o sujeito enunciador exerce sobre o seu coenunciador uma espécie de "pedido, ordem ou sugestão" para que este realize uma ação.

-Modalidade 2

Expressa ausência de certeza por parte do enunciador quanto a validação da relação predicativa.

-Modalidade 3

Forma de expressão que transmite uma avaliação emocional em relação a algo, sentimento ou sensação, e nessa perspectiva, tem o propósito de realizar "uma apreciação sobre o caráter bom, ruim, infeliz, do conteúdo da proposição; a modalidade apreciativa se compõe, portanto, com a asserção para qualificar o validado, ou com o não certo para qualificar o valor distinto ou previsto" segundo Dota, 2006, p. 126.

-Modalidade 4

a) **Deôntica**: Relaciona-se à necessidade, obrigação ou permissão. Aqui, o enunciador impõe ou permite algo, marcando um compromisso enunciativo com normas ou regras. (querer, ordem, permissão, desejo, sugestão, vontade)

O corpus selecionado para a análise linguística sobre a modalização enunciativa, embasada na **Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)**, de Antoine Culioli, foi o conto fantástico Firmo, o Vaqueiro, de autoria de Coelho Neto.

Enredo do Corpus

Firmo, o Vaqueiro é um conto que relata a história de um vaqueiro destemido e corajoso, típico do sertão nordestino, que enfrenta os desafios de sua profissão e da vida rural.

No enredo, Firmo é retratado como um personagem forte, determinado e habilidoso, que se dedica à árdua tarefa de cuidar do gado no sertão. A narrativa ilustra a vida difícil e as adversidades enfrentadas pelos vaqueiros, que, além de cuidar do gado, também lidam com condições naturais adversas, como o calor intenso e a falta de recursos. Ao longo do conto, Firmo emerge como um símbolo de resistência e coragem diante das dificuldades da vida no campo. Ele possui uma habilidade excepcional com os animais e demonstra um grande senso de responsabilidade e dedicação ao seu trabalho. Sua atitude reflete alguém que encara a vida com seriedade e bravura, sem se deixar vencer pelas dificuldades.

Por fim, o conto enfatiza não apenas a figura do vaqueiro, mas também a filosofia de vida do sertanejo, marcada pela luta pela sobrevivência, resistência e busca incessante por superação. Firmo é um herói simples, mas dotado de grande força moral e física, que se destaca pela sua habilidade e coragem no árido contexto rural em que vive.

Assim, Firmo, o Vaqueiro presta homenagem ao vaqueiro, representando a resistência, o trabalho árduo e a perseverança diante das adversidades da vida no sertão nordestino.

METODOLOGIA

Em uma primeira etapa, o desenvolvimento do trabalho consistiu no levantamento de estudos linguísticos sobre os tópicos de gramática enunciativa desenvolvidos por gramáticos e linguistas, com o objetivo de compreender esse conceito, bem como a abordagem enunciativa proposta pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Propôs-se, nesta fase, uma análise comparativa entre os diferentes aportes teóricos.

Na segunda etapa, realizou-se a análise de marcadores enunciativos no conto fantástico, à luz da perspectiva teórica da TOPE. Para essa análise, selecionou-se como corpus um texto pertencente ao gênero textual conto fantástico, de autores maranhenses. A partir desse corpus, pretendeu-se identificar ocorrências léxico-gramaticais presentes nas rubricas compreendidas aqui como apêndices textuais que acompanham a narrativa, incluindo informações sobre o cenário e elementos de contextualização discursiva.

Na terceira etapa, estabeleceu-se um paralelo entre o gênero analisado (conto fantástico) e outra forma discursiva (ou gênero narrativo), com o intuito de examinar as modulações enunciativas léxico-gramaticais empregadas em ambos, a fim de evidenciar suas particularidades e convergências no plano da enunciação.

Na quarta e última etapa, estabeleceu-se o diálogo entre a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) e o ensino de língua, considerando os pressupostos construtivistas que são comuns a ambos os campos de estudo, no primeiro caso, por razões de ordem epistemológica; no segundo, por uma escolha epistemológica, tendo em vista que outras abordagens teóricas também concorrem no campo do ensino, sejam elas de natureza **prescritiva, descritiva ou interacional**.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Modalidade 1: Asserção

a) (Afirmação/Negação)

Os resultados alcançados foram apresentados por meio de análises das operações modais identificadas no conto fantástico Firmo, o Vaqueiro, de Coelho Neto.

Cena 01: ***"O velho sacudiu-se novamente na rede*** e, voltando-se para a porta com um sorriso, perguntou: ***- E onde está esse negro que não entra?***"

Na declaração ***"o velho sacudiu-se novamente na rede"***, o enunciador expressa a convicção de que o velho realmente se moveu mais de uma vez e, em seguida, fez a indagação. Dessa forma, o sujeito enunciador afirma uma ação específica sem incertezas quanto à sua realização. Há, portanto, a presença de um valor de verdade positivo, uma vez que o enunciador não demonstra dúvida ou contestação em relação ao acontecimento narrado.

Observa-se, nessa passagem, que a modalização ocorre por meio da asserção afirmativa (quanto à ação descrita) e da modalização interrogativa, presente na fala: ***"— E onde está esse negro que não entra?"***. A indagação evidencia a atitude do sujeito enunciador em relação ao coenunciador, manifestando-se pela expectativa de resposta e pelo direcionamento da atenção.

Cena 02: "Sim, porque ***eu não vi quando ela entrou... quando não! Então, negro, o que é que vamos fazendo?...***"

Nesta cena enunciativa, ao afirmar "eu não vi quando ela entrou... quando não!", Firmo nega ter percebido a entrada da febre. Ele refuta um evento específico, a entrada da febre, expressando um valor negativo, uma vez que a expressão "não vi" implica a negação de um fato.

Dessa forma, o sujeito enunciador demonstra certeza de que não presenciou o momento em que a febre se manifestou, o que confere uma modalização assertiva negativa à enunciação.

A negativa reforça a posição do enunciador diante daquilo que está sendo predicado, ou seja, do fato de a febre ter "entrado".

Na sequência, observa-se também uma modalização interrogativa na fala: ***"Então, negro, o que é que vamos fazendo?..."***. Aqui, o sujeito enunciador introduz uma pergunta que busca uma resposta ou ação imediata, envolvendo seu coenunciador.

O verbo ***<fazendo>,*** no gerúndio, traz consigo um valor aspectual de duração contínua, sugerindo que a ação está em curso ou se estenderá por um tempo indeterminado. Tal forma verbal contribui para a construção de sentido, indicando preocupação e urgência diante da situação vivida.

Cena 03: "Lá estava, no fundo da rede, cercado de gente. ***Guardara o sorriso, morrera feliz***, ouvindo os cantos do seu tempo e, bem perto da casa, o mugido dos rebanhos."

O narrador descreve com segurança o estado final de Firmo, afirmando que ele havia guardado o sorriso e morrido feliz. Isso confirma um fato narrativo, apresentando de forma clara o estado de Firmo no momento de sua morte. A certeza do narrador sobre o ocorrido é evidente, sem qualquer dúvida ou questionamento quanto à cena. A afirmação é objetiva e concreta, reforçando a ideia de uma morte serena e em paz.

Cena 04: "Era tarde quando ***desci o outeiro***. ***Raimundinho ficou lá fora cantando***."

O narrador relata de forma objetiva a ação de descer o outeiro e afirma, com clareza, que Raimundinho permaneceu lá fora, cantando. A cena é apresentada com segurança e sem sinais de dúvida, o que reforça a veracidade dos acontecimentos descritos.

A afirmação é feita de maneira assertiva, indicando com precisão o que ocorreu. Não há elementos linguísticos que sugiram questionamento, hesitação ou subjetividade, o que evidencia o uso da modalidade assertiva, marcada por sua natureza afirmativa e informativa.

b) Interrogativa

Cena 05: "Como vai Noca?"" -Boa."

Firmo indaga diretamente sobre o estado de Noca, permitindo que o coenunciador (o cafuzo) escolha uma resposta, seja ela positiva ou negativa. A pergunta sugere que o enunciador aguarda uma resposta, mas concede ao interlocutor a liberdade de indicar o valor da assertiva, podendo ser "boa", "ruim" ou de outro tipo.

Assim, o enunciador cria uma expectativa no coenunciador, dando-lhe a responsabilidade de construir o conteúdo da resposta, ainda que dentro de um espectro semântico previamente delimitado (o estado de Noca). Nesse caso, a resposta é positiva: "Boa."

Cena 06: "-E Ana? Está na cidade, mais o pai?" "-Hen, hen, afirmou o cafuzo."

Firmo pergunta diretamente sobre a situação de Ana, novamente permitindo que o coenunciador escolha entre uma resposta afirmativa ou negativa. O enunciador mostra interesse por informações específicas, mas não antecipa ou induz o conteúdo da resposta.

A pergunta expressa uma expectativa, mas a validade da resposta dependerá exclusivamente do conhecimento do coenunciador. Neste caso, a resposta do cafuzo é afirmativa: "Hen, hen".

Cena 07: "-Está encordoada?!" "-Ó danado! Onde você viu viola de homem sem corda? e afinada. Ajunta."

Firmo questiona se a viola está "encordoada" (ou seja, com as cordas prontas para tocar), permitindo que o interlocutor responda de forma afirmativa ou negativa. Trata-se de uma pergunta que busca confirmar uma condição: se a viola está, de fato, pronta para ser tocada.

O enunciador formula uma pergunta clara e objetiva, delegando ao coenunciador a responsabilidade pela resposta. Este, por sua vez, responde de forma negativa, utilizando uma pergunta retórica: "Ó danado! Onde você viu viola de homem sem corda?".

Cena 08: "-E onde está esse negro que não entra?"

O enunciador indaga sobre a presença de um personagem, "o negro", oferecendo ao interlocutor a possibilidade de responder de forma afirmativa ou negativa. A pergunta revela a curiosidade ou mesmo certa impaciência do enunciador diante da situação.

Trata-se de uma tentativa de compreender o paradeiro do personagem, permitindo ao coenunciador confirmar ou negar sua ausência.

c) Injunção

Cena 09: "-Entra, negro!"

Firmo emite uma ordem direta ao cafuzo, instruindo-o a entrar na casa. A injunção é evidente, uma vez que ele não formula uma pergunta nem faz uma sugestão, mas expressa uma ordem clara e objetiva.

O enunciador induz o coenunciador à realização de uma ação específica, considerada necessária para validar sua intenção comunicativa.

Cena 10:" - Negro, você não vai daqui hoje. Ah! Patrãozinho, vosmecê vai ver o que é um diabo. **Negro, ajunta a madeira ali atrás da arca...**"

Firmo solicita ao cafuzo que ajunte a madeira, com a expectativa de que essa tarefa seja realizada prontamente. O tom de urgência e autoridade imprime uma pressão significativa sobre o coenunciador.

Nesse caso, Firmo não está apenas sugerindo ou pedindo, mas exigindo que o cafuzo execute uma ação imediata, o que caracteriza, de forma clara, uma injunção.

Cena 11: ***"- Canta, canta mais, cafuzo..."***Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta."

Firmo faz uma sugestão que se assemelha a um pedido, encorajando o cafuzo a continuar cantando. Embora o tom seja mais brando, há uma expectativa subentendida de que o coenunciador realize a ação solicitada.

Trata-se de uma injunção formulada de maneira mais suave do que as ordens diretas vistas em outros exemplos, revelando uma tentativa de persuasão por meio do incentivo, mais do que da imposição.

Cena 12: "- Passa pra luz, cafuzo."

Firmo emite uma ordem concisa, pedindo ao cafuzo que se dirija para a luz. A ação é clara e a intenção é que ela seja cumprida de imediato. Neste caso, a injunção é um comando direto, exigindo que o coenunciador se mova para a luz, refletindo uma expectativa firme de ação por parte do enunciador.

Cena 13: "- Pega, negro, não deixa o verso no chão!"

Firmo ordena ao cafuzo que pegue o verso, enfatizando que ele não deve deixar o verso "no chão". O enunciador pressiona o coenunciador a agir imediatamente, reforçando a ideia de uma injunção clara e direta.

3.2. Modalidade 2: Epistêmica

Cena 14: "- Então, tio Firmo, **a febre pode mais, hein?!"**

O cafuzo expressa dúvida quanto à gravidade da febre de Firmo, utilizando o verbo "poder", que indica uma possibilidade. Ele não faz uma afirmação categórica de que a febre "pode mais", mas sugere que ela talvez seja mais intensa ou preocupante do que aparenta.

O uso do verbo "pode" revela incerteza ou uma avaliação hipotética acerca do estado de saúde de Firmo, situando a fala no campo da modalidade epistêmica. Nesse contexto, a probabilidade é apresentada de forma não conclusiva, oscilando entre o possível e o provável.

Cena 15: "- ***Dizem*** que vão queimar fogaréus no Curral Novo".

A palavra “dizem” sugere que o cafuzo não está afirmando algo como um fato, mas apenas compartilhando um relato. Há, portanto, uma incerteza quanto à veracidade da informação, o que caracteriza a modalidade epistêmica, pois expressa a possibilidade de que o que foi dito seja verdadeiro, embora não com certeza.

A construção “dizem” transmite uma ideia de incerteza ou uma avaliação da autenticidade da informação, indicando que o cafuzo não tem plena certeza sobre a notícia.

Cena 16: “- Como vai Noca?” ***“-Boa”***.

O diálogo pode parecer direto, mas a resposta “boa” é vaga e não confirma de forma clara o estado de Noca. Assim, a fala do cafuzo pode ser interpretada como uma suposição de que Noca está bem, porém sem a certeza necessária. Apesar de positiva, a resposta deixa em aberto a possibilidade de que Noca não esteja realmente bem.

Cena 17: “- “-Raimundinho, como vai ele?...De longe apontou a palhoça:- Sim”.

A resposta de Cafuzo, “Sim”, fornece uma confirmação imprecisa sobre o estado de Firmo, dando a entender que ele está bem, mas sem uma certeza absoluta. O ato de “apontar” também sugere uma avaliação do estado de Firmo, embora seja uma observação à distância, o que implica certo grau de incerteza.

A afirmação não é categórica, mas indica a possibilidade de que Firmo esteja em boas condições, conforme o contexto da conversa.

Cena 18: “- E **diziam**, entretanto, que eles estavam louvando o Senhor Menino; chorando o companheiro é que eles estavam, os grandes bois que pressentem todas as desgraças e que veem a morte passar, à noite, com a foice de rastro, através das campinas!”

O narrador utiliza “diziam” para transmitir incerteza ou sugerir uma possibilidade acerca das intenções dos bois. A frase não assegura o que, de fato, os bois estavam fazendo, mas indica uma interpretação possível: que estivessem louvando ou lamentando. Isso configura uma avaliação epistêmica que transita entre o improvável e o possível.

A expressão “diziam” e a estrutura da frase revelam a incerteza quanto à realidade dos eventos, tratando-os como uma suposição ou interpretação do narrador.

3.3. Modalidade 3: Apreciação

Cena 19: “-Canta, canta mais, cafuzo...Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga”

Ao observar o cafuzo cantando, Firmo revela uma avaliação implícita por meio de sua reação e da forma como se relaciona com a situação. Ao pedir que o cafuzo continue a cantar, ele não apenas faz um pedido, mas também destaca o significado emocional que a música tem para ele.

Sua frase < “***Canta, canta mais, cafuzo... Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga***”> sugere uma perspectiva em que a música possui um poder espiritual, algo que ele valoriza profundamente e cuja ausência sente (“quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga”).

Além disso, a fala indica uma reflexão sobre a falta de um elemento essencial em sua vida, possivelmente a fé, ou algo relacionado a uma vivência espiritual que ele considera importante.

Cena 20: “-Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto de casa o mugido dos rebanhos”.

A morte de Firmo é retratada de forma reflexiva e valorizada. A expressão “Guardara o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e, bem perto de casa, o mugido dos rebanhos” caracteriza sua passagem como serena, transmitindo uma sensação de paz e aceitação.

O autor indica que Firmo teve uma morte calma e repleta de significado, destacando sua última conexão com a cultura e com os sons que sempre apreciou.

Cena 21: "- Era um caboclo atirado, ***musculoso e rijo: grandes olhos negros*** brilhavam no rosto queimado pelos verões e os ***cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos.***"

A construção do caboclo como um ser "atirado, musculoso e rijo" já sugere uma apreciação por sua robustez e virilidade, reforçada pelas expressões "grandes olhos negros" e "cachos do seu cabelo rolavam-lhe pelos ombros largos". Essas imagens evocam uma figura forte, resistente e imponente, evidenciando a valorização de sua constituição física admirada, inclusive, pelo narrador.

Cena 22: "-Velho, embora, ***"ninguém lhe chegava ao pé sem muito jeito"***, como ele próprio dizia sorrindo som os seus dentes limados, agudos como pontas de frechas. Apesar de ***alquebrado e enfermo*** andava com arrogância e notava-se-lhe na ***voz áspera e forte***, o hábito de comando."

Embora o personagem seja descrito como "alquebrado e enfermo", a valorização do "hábito de comando" em sua voz e o fato de ninguém "lhe chegar ao pé sem muito jeito", mesmo em sua velhice e fragilidade física, sugerem que sua presença ainda impõe respeito.

A construção de sua personalidade por meio da "arrogância" e da "voz áspera e forte" revela uma figura que mantém sua autoridade e autoconfiança, superando as limitações impostas pela idade e pela saúde. Isso expressa uma admiração por sua resiliência e pela manutenção de uma postura de liderança e respeito, mesmo quando o corpo já não corresponde à força de outrora.

O uso de frases como "ninguém lhe chegava ao pé sem muito jeito" não apenas evidencia a força simbólica do personagem, mas também ressalta a maneira como ele é percebido pelos outros, construindo a imagem de alguém que, apesar de envelhecido e doente, ainda é respeitado e até temido. Essa construção acrescenta uma dimensão apreciativa à sua personalidade: ele é uma figura de autoridade, um líder que, mesmo debilitado, conserva uma presença marcante.

CONCLUSÃO

O presente estudo ressaltou avanços significativos na pesquisa linguística e reiterou sua relevância acadêmica para os estudos da linguagem, em especial no campo da enunciação. Ao fundamentar-se na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, a investigação logrou êxito em identificar e categorizar os marcadores léxico-gramaticais que atuam diretamente na construção e na regulação dos significados dentro do conto fantástico *"Firmo, o vaqueiro"*. A análise minuciosa do corpus revelou que os elementos linguísticos selecionados por Coelho Neto ultrapassam a mera função descritiva da gramática tradicional; eles funcionam como marcas enunciativas dinâmicas que evidenciam a complexa relação entre o enunciador, o enunciado e o coenunciador. Dessa forma, o trabalho não apenas aprofundou a compreensão da estrutura narrativa do conto, mas também demonstrem, na prática, como a linguagem se projeta enquanto atividade cognitiva e interacional, validando a premissa culioliana de que a gramática é indissociável do contexto de sua produção.

AGRADECIMENTOS

O presente estudo cumpriu com o objetivo de analisar as marcas modalizadoras no conto fantástico *"Firmo, o vaqueiro"*, de Coelho Neto, sob a perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) de Antoine Culioli. A abordagem qualitativa permitiu mapear como as modalidades assertiva, epistêmica e apreciativa operam não apenas como estruturas rígidas, mas como escolhas léxico-gramaticais dinâmicas que revelam a atitude do enunciador diante de seu texto e de seu coenunciador.

Os principais achados da pesquisa confirmam a hipótese de que toda noção linguística se fundamenta em uma base léxico-gramatical e que a gramática não deve ser vista como um sistema estático de regras, mas sim como uma atividade linguageira em constante movimento. No corpus analisado, as transições entre as certezas da asserção, as nuances de dúvida da modalidade epistêmica e a forte carga cultural e emocional da modalidade apreciativa demonstraram como a subjetividade constrói o universo do sertanejo e a figura heroica do vaqueiro Firmo.

Como limitação, este trabalho concentrou-se na análise de um único recorte textual e de categorias preestabelecidas pela TOPE. Para investigações futuras, sugere-se a ampliação do corpus para outros contos de Coelho Neto ou de autores maranhenses contemporâneos, bem como o aprofundamento do paralelo com outros gêneros narrativos e a aplicação direta desses conceitos enunciativos em propostas metodológicas voltadas para o ensino de língua portuguesa.

Por fim, agradeço à minha orientadora que tornou esta pesquisa possível, pois ela me estendeu a mão no momento de pré-pesquisa e pós-pesquisa, se mostrando não apenas como uma orientadora, mas como uma amiga e companheira de jornada em todos os momentos do decorrer deste trabalho, bem como à instituição pelo apoio ao desenvolvimento da iniciação científica.

Como perspectiva futura, almeja-se expandir este trabalho, transpondo as análises aqui iniciadas para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (monografia), além de direcioná-lo a projetos de pós-graduação *strictu sensu* (Mestrado/Doutorado) e especializações *lato sensu* na área de Linguística. Espera-se, por fim, que os resultados desta pesquisa gerem impactos diretos na minha futura prática docente, transformando o ensino de gramática em uma atividade reflexiva e centrada na enunciação.

REFERÊNCIAS

NETO, Coelho. **Firmo, o vaqueiro, e outras crônicas**. 1. ed. Campinas: Barcarolla, 2004. ISBN 978-85-98233-09-3.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990, Tome I.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalismo et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a, Tome II.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b, Tome III.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: tour et détour. Paris: Ophrys, 2018, Tome IV.

DOTA, Maria Inêz Mateus. A subjetividade da linguagem na construção de textos jornalísticos. In: REZENDE, Letícia Marcondes; ONOFRE, Marilia Blundi. **Linguagem e línguas naturais:** diversidades experiencial e linguística. São Carlos: Pedro & João, 2006.

FACUNDES, Leonildes Pessoa. **Das categorizações aos valores referenciais**: a (in) definição linguística em construção. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

VOUGÜÉ, Sarah de; FRANCKEL, Jean-Jacques; PAILLARD, Denis. **Linguagem e enunciação**: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

ZAVAGLIA, Adriana. **Pequena introdução à teoria das operações enunciativas**. São Paulo: Humanitas, 2010.